

MANUEL ALEGRE

Entrevistado por Maria Augusta Silva

OUTUBRO 2004

«Na Europa do mercado e do poder Portugal não conta. Mas conta na Europa da cultura e da abertura ao mundo. Seremos tanto mais fortes na Europa quanto mais intensa for a nossa ligação com o Brasil e com os países africanos de fala portuguesa. (...) Falta uma perspetiva histórica; falta um horizonte para além do dia-a-dia. As pessoas consomem-se no consumismo. (...) Há hoje igualmente uma grande crise de elites. A modernidade passa, porventura, por uma nova busca de unidade ou pelo colar daquilo que se partiu. Ou talvez pela montagem dos fragmentos: fazer a epopeia da fragmentação».

Vacinado contra todas as raivas?

Nem sei se a minha vacina já caducou. Vivemos num tempo de novas pestes, de novas cóleras e de novas raivas contra as quais ainda não se encontrou vacina.

Imune, de algum modo?

Nunca se está imune. As pessoas, por mais fortes que sejam, por mais intensa que tenha sido a sua vida, têm vulnerabilidades. Mesmo Aquiles tinha o seu calcanhar. Todos nós temos.

O seu calcanhar mais sensível?

Porventura, a afetividade.

Neste começo do século XXI quais os colapsos mais penosos que estão a dar-se?

Em primeiro lugar, estamos a assistir a um colapso do Direito Internacional. O mundo está "embushado". Esta doutrina nova dos EUA, julgando ter o poder de fazer o que o seu poder lhes permite, subverte todo o Direito Internacional. Mas verifica-se, ainda, uma subversão geral de valores, um predomínio do egoísmo, da indiferença, uma lei da selva generalizada.

Uma falência cultural?

Há hoje igualmente uma grande crise de elites. Não podemos ter Berlusconi a governar. Não existem, de facto, grandes homens a dirigir os países.

Deve-se a quê, a crise de elites?

Uma crise de civilização. Os anos sessenta foram marcados por grandes ideais e grandes utopias e agora estamos na era a que alguém já chamou do vazio. Falta uma perspetiva histórica; falta um

horizonte para além do dia-a-dia. As pessoas consomem-se no consumismo.

Crise dos partidos políticos começa na falta de elites para as lideranças?

Existe uma crise de referências no País, que é grave. O nosso país, como dizia Oliveira Martins, foi sempre um produto da vontade de uma elite aliada ao povo; nos grandes momentos, nos momentos decisivos, houve sempre uma vanguarda nacional. Foi a elite que fez o País. Deparamos hoje com uma grande crise de elites em todo o lado, da política ao futebol.

Que relação encontra entre o futebol e a crise de elites?

É um sintoma da falência de valores e a degradação geral da sociedade. Normalmente, as pessoas que no nosso país se distinguem por obras valorosas são maltratadas, a começar por Camões, Pessoa, e grandes atletas que projetam internacionalmente o País como Rosa Mota, Carlos Lopes. E até Saramago, que ganhou o Prémio Nobel da Literatura, despertou maldizeres e invejas. Também do Figo já ouvi dizer coisas canalhas. Ninguém sabe lá fora quem é Madaíl ou o major Valentim Loureiro, enquanto Figo, em qualquer parte do mundo, é identificado connosco. A inveja, o maldizer, a mesquinhez voltaram a fazer com que haja uma "apagada e vil tristeza" de que se queixava Camões.

A sua poética convoca todos os legados dos antigos e grandes poetas. Uma forma de encontrar a modernidade?

Sem a dinâmica da tradição não há modernidade. Em cada verso novo está toda a história da poesia, desde que um xamã dançou ao som da repetição de palavras mágicas para exorcizar um mal. A modernidade que marcou a poesia deste século é uma síntese da tradição e renovação.

Conseguirá a poesia ser um cântico de múltiplas harmonias?

Há tempos diferentes. Dante procurou no poema e, até, na política, uma harmonia e unidade a que não será estranho o caos do seu exílio. O nosso tempo é muito fragmentado.

O caos persiste. Conduzirá à iluminação?

Às vezes, há uma luz nas trevas. A arte de vanguarda estilhaçou ela própria as gramáticas estabelecidas. Hoje, porventura, a modernidade passa por uma nova busca de unidade ou pelo colar daquilo que se partiu. Ou talvez pela montagem dos fragmentos: fazer a epopeia da fragmentação.

Num tempo em que perdemos memórias e referências, a busca do essencial permanece apesar de tudo?

O tempo está a correr muito depressa, sobretudo com a globalização e a mediatização de tudo. Alterou-se a noção de tempo, saber e linguagem. Atualmente será difícil renovar a escrita sem ter em conta a rádio, televisão, cinema, internet. As grandes dúvidas e buscas, no entanto, permanecem.

É o "Obscuro Quê"?

A cientista Maria de Sousa traduziu alguns sonetos de *Obscuro Quê* e contou-me que, um dia, numa reunião de cientistas, se comentou que aqueles poemas colocavam algumas das grandes interrogações feitas pela ciência. A física quântica já não procura só uma relação causa-efeito mas de mistério com mistério.

Onde estão as respostas?

Quanto mais se sabe, mais mudam as perguntas e respostas. E a grande questão, por vezes, não está em encontrar a resposta mas em fazer a pergunta certa.

Dirigida a quem?

A quem, sem interrogação.

As grandes perguntas são uma peregrinação interior?

Uma errância interior, sim.

Procura um porto de abrigo?

Ao longo da vida, encontramos portos de abrigo. Existe, contudo, uma inquietação e uma demanda que não param. Uma navegação interior. Se calhar, o porto de abrigo é sempre um porto por achar.

No seu caso, será o mar?

O mar é o elemento essencial da minha identidade. No exílio, vivia junto ao Mediterrâneo e faltava-me o cheiro do Atlântico. Quando agora vou para a Foz do Arelho, para a Barra ou para a Costa Nova, aí é verdadeiramente a minha pátria. Não somos explicáveis sem perceber a nossa atlanticidade. A minha linguagem, como a de Camões e de outros poetas, seria incompreensível sem o marulhar do Atlântico.

Há quem defenda que os portugueses não têm um destino marítimo mas sim os espanhóis...

Nós é que estamos entalados entre a Espanha e o Atlântico. Nós é que estamos de frente para o mar. "Há só mar no meu país" — escreveu o poeta Afonso Duarte. E Jaime Cortesão demonstrou no seu livro *Os Factores Democráticos na Formação de Portugal* que a convergência das características atlânticas é que definem a nossa identidade.

Entrámos no Século dos Oceanos. É preciso retomar-se o mar?

É preciso não voltar as costas ao mar. E estar na Europa sem esquecer que a nossa especificidade cultural é inseparável da nossa relação com o mar. Na Europa do mercado e do poder Portugal não conta. Mas conta na Europa da cultura e da abertura ao mundo. Seremos tanto mais fortes na Europa quanto mais intensa for a nossa ligação com o Brasil e com os países africanos de fala portuguesa.

Alargamento progressivo e sucessivo da União Europeia que novos desafios propõe?

O principal é o de vencer-se em Portugal a batalha da qualificação e da educação, já que vamos competir com países que sendo mais pobres têm, todavia, gente muito mais qualificada. Outro desafio: a mudança de mentalidade daqueles empresários que continuam a apostar em mão de obra barata e pouco qualificada. Esse tempo passou e quem não mudar está condenado.

Como sentiu o fim do império português?

Não foi Macau, que, verdadeiramente, nunca fez parte do império português. Não tenho, porém, vergonha de dizer: estava com os meus filhos e, ao ver a nossa bandeira descer, as lágrimas caíram-me. Nada de nostalgia colonialista. É outro sentimento difícil de exprimir. Portugal foi um país que se fez mar fora.

Portugal achou-se fora e perdeu-se dentro?

Muito bem dito.

Angola, espinha dorsal do seu primeiro romance, *Jornada de África*. Como a vê hoje?

Uma das grandes tragédias e da qual se fala muito pouco, infelizmente. Fiquei muito ligado à terra angolana. Luanda era uma cidade especial, com feitiço. Não foi por esta Angola que nós lutámos.

Estará, todavia, Angola a avançar agora para uma real pacificação?

Foram dados importantes passos para a paz. Espero que a paz tenha vindo para ficar. É condição essencial para que Angola seja o grande país que pode e deve vir a ser.

Malária mata quatro milhões de crianças por ano. Uma situação também aflitiva no continente africano. Que mundo é este?

É o mundo do egoísmo e da desigualdade. O mundo em que dois terços da Humanidade estão a ser excluídos. Há países – como disse um escritor francês – que estão a ser desorbitados. Mas este mundo já está dentro de nós: nos sem casa e nos marginalizados da vida. A mudança tem de começar pelos países mais ricos e pela construção de uma nova ordem económica contra esta desordem globalizada.

Camilo dizia ser na solidão que as grandes almas se fortificam. A sua força nasce da solidão?

Houve circunstâncias históricas que fizeram de mim um solitário. Quando era novo, a solidão incomodava-me. Agora tenho necessidade de alguma solidão. Mas sou um solitário solidário.

Que valeu o amor na sua vida?

A vida é feita de fragmentos, de pontos luminosos, e um deles – essencial – é o amor, a descoberta do Outro. Não há descoberta de nós próprios sem descobrirmos o Outro. Uma pessoa só realmente existe entre duas liberdades.

A memória serve mais o passado ou o futuro?

As duas coisas estão ligadas. Teixeira de Pascoaes falava da saudade como saudade prospetiva, como saudade do futuro, e marcou-me. É difícil perceber ou encarar o futuro, ou presentir o futuro, sem a

memória do passado. Talvez por isso mesmo também Pessoa disse: "Portugal futuro do passado". Nós próprios somos o futuro do nosso passado. A minha memória vai muito atrás mas está voltada para a frente.

Agradar-lhe-ia ver um poeta na Presidência da República?

Talvez fosse bom para o País. Não vejo, porém, nenhum disponível.

Deputado tantos anos não cansa?

Tudo cansa. Lembra-se do verso de José Gomes Ferreira: "Viver sempre também cansa"? Só que eu, de viver, não me canso.

Afetividade é a linha de força do seu livro *Cão Como Nós* que se tornou num êxito absoluto. Todorov diz-nos que a literatura é sempre um sistema de códigos e de signos. Por meio dos afetos tem o propósito de muitas significações?

Não escrevo com propósitos conscientes. A escrita, em mim, não é um processo muito racional; isso tem-se acentuado com a idade; escrevo por impulsos, por sopros, uma espécie de bafo interior. Não programei nem sei porque escrevi esse livro. Sei que apareci sentado à mesa e comecei a escrevê-lo. Depois de escrito, tenho consciência de que estão lá vários sinais e várias significações possíveis e muitas metáforas. É um livro sobre um cão mas um livro também sobre as pessoas e sobre mim próprio.

Sente-se um pouco irmão do cão Kurika, a grande personagem dessa novela? Encerra o livro com um poema em que diz: "Cão que não querias / ser cão / e não lambias / a mão / e não respondias / à voz". Manuel Alegre, aqui, inteiro, total?

No fundo, este cão sou eu, também. Uma amiga telefonou-me: *Mas esse cão és tu!* Morreu velho. A ausência acaba por transformar-se numa grande presença. De uma maneira geral, nas relações de

afetos, há uma coisa que acontece com os bichos e as pessoas: apanham-se tiques e um pouco da personalidade dos outros.

Que tiques apanhou do seu cão e ele de si?

De mim, a resmunguice e a rebeldia. E a inclinação para a desobediência.

E a casmurrice?

Casmurro, às vezes. Do cão apanhei uma certa tendência para a contemplação.

Podemos encontrar no seu Kurika o “cão-espelho” de O’Neill?

Em parte, sim. Agora percebo isso. “Como nós eras altivo / fiel mas como nós / desobediente / (...) e sempre presente-ausente”. Eu também tenho essa maneira de ser. Este poema é, de facto, quase um auto retrato.

Kurika-canino “nunca estava para aquilo que dele se pretendia”. A si, alguma vez tentaram usá-lo?

Com certeza. Estão sempre a tentar usar-me para qualquer coisa.

E já se deixou usar?

Deixei-me usar uma ou outra vez de forma consciente, porque entendi que era taticamente necessário. Quando era mais novo, mais inocente, mais desprevenido, fui usado algumas vezes por desatenção ou por inocência.

Usado e depois atraído?

Também. São coisas de que não gosto de falar. Para mim, a pior de todas as coisas é a traição, as grandes e as pequenas traições. Nunca traí ninguém e estive em situações difíceis, sujeito, até, aos interrogatórios da prisão.

Nunca, nunca traiu?

Não, nunca traí. Nesse sentido, nunca traí.

Traiu no amor?

No amor é difícil que alguém não se tenha alguma vez enganado e não tenha enganado. Acho que era Boccaccio quem dizia: *Non è peccato.*

“Zanguei-me com toda a gente, não me deixes agora, é em momentos assim que um homem precisa do seu cão”. Admite que, atualmente, possa estar melhor acompanhado por bichos do que por homens?

Nada substitui a companhia das pessoas, mas há momentos de desespero, de grande solidão interior, de zanga com o desconcerto do mundo em que um cão é sempre uma companhia quando não há outra companhia, e tem uma lealdade incomparável.

Melhor ter um cão do que um grande prato de enguias à frente?

O que há mais hoje são enguias! Enguias só fritas ou em caldeirada, embora não sejam os meus pratos favoritos. Não gosto de pessoas deslizantes, nem de répteis.

Para o cientista João Caraça, o presente é o “tempo crítico” em que se pode atuar. *Cão Como Nós* é um livro por meio do qual Manuel Alegre se reafirma atuante?

Foi uma conversa com o cão e através do cão comigo mesmo. E falando comigo estou a falar com os outros. Foi um recado para mim e através de mim e do cão um recado para os outros. E talvez ainda um ato de inconformismo.

Quando se começa a ler esse livro pode pensar-se: Manuel Alegre está mais sensível, é capaz de resvalar para a lamechice. Correu tal risco?

Não. A ironia surge nele, e surge naturalmente. Neste caso, é quase uma necessidade técnica para evitar a lamechice e para tornar o livro mais sério, mais intenso. Detesto a lamechice. Uma coisa é a afetividade, outra a lamechice.

Autores como Torga partilharam muito a sua vida com bichos. Outro exemplo: Jiménez escreveu *Platero y Yo* e tem nessa obra um burrito tão bonito como o seu Kurika. Buscou neles inspiração?

Os bichos de Torga têm muito a ver, também, com as pessoas e com ele próprio. E esse livro de Jiménez foi um dos que me marcaram. Mas não se trata de inspiração; não estava a pensar neles quando escrevi o livro.

É hoje um homem mais só?

Sim e não. Sim, na medida em que todos carregamos uma solidão irremediável. Por mais acompanhados que estejamos, por mais que partilhemos a nossa vida, há uma parte de nós impenetrável, irremediavelmente solitária. E fui perdendo muitos amigos com quem vivi momentos decisivos e marcantes. Nós vivemos a vida com outros. E essas mortes, essas ausências que depois ficam presenças de outra maneira, fazem-nos sentir um pouco mais sós. Há momentos em que me sinto muito só, com um grande desconforto e uma certa impotência perante o desacerto do mundo. Por outro lado, tenho descoberto outras formas de companhia e de partilha, voltei nomeadamente à caça e encontrei novos companheirismos, novas camaradagens.

Um dos amigos que cedo perdeu foi Adriano Correia de Oliveira, a voz que cantou poemas seus. *Trova do Vento que Passa*, por exemplo, ganha mais atualidade do que nunca?

Achei que um dia deixaria de ter atualidade. Se calhar, não deixará. Há formas novas de injustiça, de opressão e de desigualdade. Portanto, "há sempre alguém que resiste / há sempre alguém que diz não". Infelizmente para o mundo, estes versos vão ser sempre atuais. Muita gente os sabe de cor e não apenas a minha geração, os mais novos também.

Amália terá sido quem melhor interpretou a sua poesia?

Amália é Amália. Nunca ninguém cantou como ela. Alain Oulman contactou comigo quando eu estava exilado na Argélia, a pedir-me autorização para Amália cantar, precisamente, *Trova do Vento que Passa*. Fiquei surpreendido porque muita gente cantava poemas meus e nunca ninguém pedira licença.

Onde conheceu Amália?

Uma doença grave obrigou-me a ir a Paris. Conhecia-a lá. Já era um mito. Alain levou-me a visitá-la e lembro-me da minha timidez, mas descobri que Amália era mais tímida do que eu. Começámos a dizer poesia, a falar de Camões. Amália tinha Camões no sangue. Interpretou-o de tal maneira que dá a impressão de aqueles poemas terem sido escritos para ela cantar.

Musicalidade dos seus versos vem de tradições da oralidade?

Talvez por saber poesia de cor antes de aprender a ler. Inserir-me num meio familiar onde se dizia muita poesia, contavam-se estórias, rimances populares. O próprio fado é exemplo da oralidade.

Por meio da música ouve melhor o "coração da terra"?

Entre ela, o flamenco, uma das minhas músicas favoritas. E ainda o fado e o tango. E Mozart. E Bach, que é uma espécie de equação do mundo tal como o flamenco, despojadíssimo. Assisti uma vez, em Madrid, a uma sessão de flamenco com La Chunga; ela descalçou-se, as guitarras calaram-se e um velho cigano marcava o ritmo com um pau. Aquilo era, de facto, o bater do coração da terra. Um momento mágico. Um ritmo cósmico.

Recuperar a arte de bem declamar seria bom?

A transmissão oral da poesia é essencial; na grande poesia provençal, o poeta compunha, musicava, dizia e cantava. E exercita-se a memória. Há por aí novidades pedagógicas que matam a memória.

Vai-se matando também impunemente a língua portuguesa?

Para analisarmos essa questão teríamos de ir aos media e, principalmente, aos órgãos de comunicação falada, a alguns locutores e apresentadores de referência. E mesmo na Assembleia da República ouço autênticas enormidades, e, até, da boca de ministros. Deviam pagar multa.

No volume antológico que reúne a sua obra poética, Eduardo Lourenço diz, no prefácio, que os heróis de Manuel Alegre «não o são por razão de História, mas por razões de alquimia poética». Poema, o seu duplo?

Poema, a minha relação mágica com o mundo.

Se organizasse uma antologia da melhor poesia portuguesa de todos os tempos quem colocaria na primeira página?

Camões.

Quando um dia o coração o ameaçou como reagiu?

No momento em que me apercebi que estava a ter um enfarte, dizia: «Lá se vai o livro, queria acabar o livro» (estava a escrever *Alma*, faltavam-me umas páginas e tinha outras muito gatafunhadas). Um dos médicos comentou: «Já tinha ouvido muita gente chamar pela mãe, nunca tinha ouvido ninguém pedir *deixem-me acabar o livro!*» Fiz um esforço brutal para chegar acordado ao hospital.

Qual Camões agarrado aos *Lusíadas* para não os deixar naufragar...

Era uma sensação de naufrágio, sim.

Escreveu então *Senhora das Tempestades* para exorcizar medos?

É um poema de exorcismo e celebração. A morte é pertença de um todo.

Indizível?

Todos os poetas procuram dizer o indizível.

O grande encontro afetivo entre Manuel Alegre e o seu cão Kurika dá-se quando ambos adoecem. Compreenderam-se melhor na dor?

Os animais sabem coisas que nós não sabemos.

Entendem o mistério da própria incerteza de que nos fala Gide?

É a questão da esfinge de que falou Clara Rocha na apresentação de *Cão Como Nós*. Os olhos sem olhos da esfinge foram-me revelados como os olhos do tempo. Existe um grande mistério nos olhos dos animais, um mistério que nos interpela.

Esfinge da mitologia grega propõe-nos muitos enigmas...

Mas aquele enigma é o tempo, o tempo a olhar para nós. Somos nós que estamos a passar, não é o tempo. Tudo está relacionado com tudo. Os animais sabem, também, que a morte faz parte da vida e a vida faz parte da morte.

Poderá alguém estar preparado para a morte?

Se há coisa em que somos amadores é em relação à morte.

A doença que um dia o levou a Paris foi um temor como aquele que o levou à escrita de *Senhora das Tempestades*?

Uma pneumonia com septicemia. Ao dar entrada no hospital, uma enfermeira comentou para a minha mulher: «Não se safa...»

Começou a partir daí a ter noção de fim?

Desde miúdo que sempre tive um grande sentimento de transitoriedade da vida. A descoberta da morte desencadeou em mim uma espécie de neurose grave.

Como a descobriu em criança?

Em Águeda, durante uma epidemia de tifo. Assisti ao enterro de um rapaz de uma família amiga. Os sinos tocavam e vieram os estudantes com as capas negras.

Era “aquela coisa preta” de que fala num livro?

Sim. E acompanhou-me sempre essa grande interrogação sobre a vida e a morte. A experiência que inspirou *Senhora das Tempestades* criou em mim, todavia, uma relação mais serena com a morte.

Grandes sustos apaziguam os medos?

Nunca senti o medo físico da morte. Talvez mais o pânico metafísico, a questão do nada, de se acabar como consciência de si mesmo. Uma questão nunca resolvida, mas agora mais serena. Ao despertar com

choques elétricos do sono de uma arritmia que leva à paragem cardíaca, tive a sensação de dar um salto para o lado de cá. Deve ser isso que os bebés sentem ao nascer. Nasci outra vez.

Será a morte uma flor como diz Celan?

Não sei o que é.

Um coração que sofreu tão fortes solavancos continua a ser um coração apaixonado?

Entrego-me às causas em que acredito. Sempre vivi apaixonadamente. Pesco com paixão, sou capaz de fazer uma intervenção política com paixão. Escrevo com paixão. Não tenho mais paciência nem tempo a perder com coisas que não me apaixonem.

Escreveu um outro livro, *A Terceira Rosa*. Tem mais rosas para dar aos leitores?

Não tenho. Tenho mais livros.

Não protege a sua rosa?

Sim. Mas a rosa de que falo nesse livro é metafórica.

E os espinhos?

Rosas sem espinhos não têm cheiro.

Liberdade, flor muito frágil?

Deve proteger-se. E há sempre liberdades a conquistar.

Pessimista ou esperançado num mundo de nova feição humana?

É sempre possível mudar. É preciso remar contra a maré. Não devemos desistir. Não nos devemos conformar.

Por onde andam as musas?

Há as musas que, segundo os gregos, faziam do poeta um "medium"; há o anjo de que falava Rilke, por vezes terrível; e há o duende de Lorca, aquele que no seu dizer chegava a manifestar-se nos rebordos da ferida. A poesia acontece como conjugação da musa, do anjo e do duende.

Um romântico?

Não tenho o instinto de posse. Tive sempre um grande sentido de efemeridade. Gosto de ter as minhas comodidades mas talvez não me importasse de ser monge.

Que hábitos poderiam seduzi-lo como monge?

A vida conventual tem os seus encantos, a sua espiritualidade. Gosto de estar a sós comigo, não gosto de ser incomodado.

Mas gosta de incomodar...

Quando me incomodam, eu incomodo.

Irreverência irrevogável?

Alguns pretendem fazer-se de marginais na literatura e nas artes, todavia têm depois o poder cultural. Eu tive – e continuo a ter – um compromisso político.

Sempre a questionar e a questionar-se?

A arte só tem sentido se colocar a interrogação. A literatura deve ser a arte de perguntar.

Contrapoder?

É possível que alguns me hajam olhado como um homem do poder, embora tenha sido sempre mais anti poder. O meu empenhamento político nunca me levou a exercer poderes culturais, enquanto alguns

dos pseudomarginais são ditadores culturais. Não abduco da minha independência, seja qual for o preço. E já paguei muitos.

Já não é tão desobediente?

Não estou em idade de ter de obedecer senão à minha consciência. E não sou uma pessoa que se conforme, isso faz parte da minha natureza.

Qual foi até hoje a sua maior desobediência?

A minha própria vida. A recusa em me resignar à existência de uma ditadura. Foi a minha própria luta contra o regime salazarista.

Acomodar-se não é consigo?

Dizem-me que fui sempre assim desde pequenino. Quando me observavam que não devia pôr os cotovelos em cima da mesa queria saber... porquê? Fazia muitas perguntas aos meus pais, avós, professores e a uma tia-avó, Maria do Carmo Sampaio, que lia poesia em voz alta. Antes de eu saber ler, já recitava.

Pais, uma referência?

São. A minha mãe era dotada de uma grande energia e de uma inteligência intuitiva raríssima. Sempre achou que eu tinha um desígnio, não sei até que ponto isso me marcou ou não. O meu pai era um aristocrata, de uma grande elegância física e de atitude, desprendido das coisas, não era um burguês. Lia muito, abriu-me as portas dos grandes autores.

Julga ter uma missão?

Viver com integridade é uma maneira de cumprirmos uma missão.

Tem-se cumprido sobretudo na poesia?

Nunca nos cumprimos inteiramente. Mas vivi intensamente. Vivi perigosamente.

Cai, por vezes, em extremos, tanto pode barafustar como ficar calado. Em que estado de alma se sente melhor?

Depende muito das circunstâncias. Dantes, falava realmente mais do que falo agora. Tem que ver, também, com amigos que desapareceram e há amigos insubstituíveis. Existe, do mesmo modo, uma idade em que a descoberta se faz com os outros, fala-se dos livros, dos amores e das paixões por pessoas ou por coisas. A partir de certa altura, já não há tanta necessidade de comunicar e de partilhar tudo isso. Vive-se mais para dentro.

Nunca lidou com amigos da onça?

A amizade e a fraternidade valem mais do que todas as onças.

Leu o *Príncipezinho*?

Há muito tempo. Mas das obras de Saint-Exupéry gostei, sobretudo, de *Piloto de Guerra*. E na juventude marcou-me especialmente *Sandokan*, de Salgari. Foi um dos meus heróis. Se calhar, eu próprio, a dado momento, andei a fazer de Sandokan aí pela vida.

Como tem sentido os prémios que já distinguiram a sua obra, nomeadamente o Prémio Pessoa, o de Crítica e o da APE?

O melhor dos prémios são os leitores que sempre me leram, mesmo quando a Censura apreendia os meus livros. Eram passados de mão em mão em cópias manuscritas.

A *Praça da Canção* foi disso exemplo...

E *O Canto e as Armas*. A constância com que os meus livros foram lidos, mesmo quando proibidos e a crítica os omitia, é o maior dos prémios.

Causou-lhe dor a omissão por parte da crítica?

Causou. Não deixava de ser uma forma de censura política ou estética, ou ambas.

“Lobbies” ditavam o jogo?

Teve que ver com vários fatores: questões político-ideológicas, o meu envolvimento político e, provavelmente, o facto de não pertencer a nenhum compadrio. No plano literário vivo muito solitário. Estive muitos anos no exílio. E existem as modas...

Publicou entretanto *Rafael*, romance há muito esperado sobre o exílio. As gerações já nascidas em liberdade compreenderão este livro?

Tem sido para mim uma grata surpresa a forma como as novas gerações, incluindo jornalistas que me têm entrevistado, receberam *Rafael*. Dizem-me ser para eles uma revelação e a descoberta de um tempo que não viveram mas sabiam importante para a liberdade de que hoje beneficiam.

Continua a ser um exilado?

Nunca se regressa completamente de um grande exílio. Há uma parte de nós que nunca parte e outra que não volta.

Ulisses (de Homero) regressa e não é reconhecido...

Uma extraordinária metáfora... Só a compreendi bem ao voltar do exílio. Tem-se a sensação de sermos um pouco estranhos na nossa própria casa.

Como se sentiu o poeta que no cargo de secretário de Estado da Comunicação Social fechou um jornal como *O Século* e num momento em que se conquistara a liberdade de expressão?

Essa passagem pelo Governo ainda mexe comigo, não que considere uma indignidade ser membro do Governo ou estar no poder.

Experiência que não esquece?

Foi importante, na medida em que me deu a conhecer o poder ou a ilusão do poder, mas foi também traumatizante pela incapacidade de resolver certos problemas. Enquanto secretário de Estado da Comunicação Social, quando no final de cada mês precisava de ir ao Conselho de Ministros pedir avales do Estado para pagar os salários dos que trabalhavam nos meios de informação estatizados, era sempre um pé-de-vento. Quase necessitava de fazer uma revolução para conseguir esse dinheiro. Nesse tempo ainda tinha uma visão muito idealista da militância.

Se fosse hoje?

Digo-lhe, se fosse hoje, ao fim do primeiro Conselho de Ministros tinha batido com a porta e vinha-me embora.

O Século tornara-se mesmo inviável?

Em consciência, tendo em conta o interesse do Estado e dos dinheiros públicos, não havia outra medida senão a de suspender a publicação do jornal, o que fiz. A decisão de encerramento foi tomada no Governo da engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo e não creio que tivesse alternativa.

Como vê a "globalização" que atinge a comunicação social?

Fenómeno quase inevitável, com todos os riscos que podem levar aos grandes impérios. Mas há o lado positivo: fazer do mundo uma grande praça, o novo largo de que falava Manuel da Fonseca, onde as pessoas se encontrem.

Todos a pensar da mesma forma?

Risco de uniformização. Pensamento único. Cultura única. Língua única (anglo-americana).

Volta a haver dificuldade em ter-se opinião?

Ou entende-se que certas pessoas não podem ter opinião. Há, sobretudo, uma degradação muito grande do mundo: são os *big brothers*, que me repugnam porque há uma exibição e uma exploração e um comprazimento da degradação humana, isso é humilhante. Quando vejo uma pessoa a ser humilhada ou a auto-humilhar-se, recordo o que disse Che Guevara: «Devemos sentir na nossa cara a bofetada dada a outro homem». Eu também sinto em mim a humilhação a que outras pessoas se sujeitam.

Como justificar as audiências televisivas de alguns programas?

Provavelmente, devido a um estado de morbidez generalizado.

Entre a Coimbra das grandes lutas académicas e a Coimbra Capital Nacional da Cultura [2003] o que as une e as distancia?

As lutas académicas do meu tempo foram em si mesmas atos de cultura. Então contra o poder estabelecido da Ditadura, Coimbra foi uma capital da cultura e da liberdade.

Se um dia se visse na situação de Galileu Galilei como reagiria?

Já me senti diversas vezes nessa situação. E disse sempre que era a Terra que girava em volta do Sol...

E as pessoas giram em torno dos seus próprios interesses?

Giram, giram. É um dos grandes problemas do nosso tempo: a ditadura do imediato e do efémero.

Tempo de novas batalhas?

Todo o tempo é sempre tempo de novas batalhas.

O homem do *País Azul* como vai?

Há muito que não me telefona. Espero que um destes dias possamos encontrar-nos para falarmos de novas batalhas e mudanças.

Que Verão do nosso descontentamento incendeia todos os anos Portugal?

A negligência, o incivismo e o desordenamento geral do território.

Não acha haver mão criminosa?

Mãos criminosas de várias origens. Incendiar a floresta por interesses obscuros é um ato de terrorismo e de lesa-pátria. Mas a negligência é também objetivamente criminosa.

Bastaria ler-se ou reler-se Aquilino para se aprender melhor as geografias florestal e humana portuguesas?

Sim. E também as raízes, a língua, e o próprio homem português.

O sentido de justiça e companheirismo ganhou-o a jogar ao pião e com uma bola de trapos nas suas Águeda e Anadia?

Escola fundamental. Com professores extraordinários aprendi a minha língua. E fortaleci a aprendizagem da vida com a malta da rua, os jogos tradicionais e as brincadeiras perigosas como a de mergulhar no rio mesmo sem saber nadar. Uma lição de vida.

Aí nasceram as interrogações?

Sobretudo a pergunta que fez de mim um revolucionário e à qual nunca me souberam responder: por que é que uns usavam sapatos e muitos andavam descalços? Ainda não houve resposta satisfatória. É

a questão da injustiça. Nunca se resolverá completamente. E estão a surgir não apenas novos ricos, mas, sobretudo, muito novos pobres e muitos novos excluídos.

E muitos novos escolhidos?

Escolhidos, protegidos, apadrinhados. «O compadrio universal destes reinos» de que falou Oliveira Martins dá aos vários poderes muitas possibilidades de escolha.

Relação homem-mundo sofreu muitas transformações...

Está a mudar e com todos os riscos de homogeneização cultural e até linguística. Hoje toda a gente veste da mesma maneira e ouve as mesmas notícias ao mesmo tempo. Isto uniformiza comportamentos e cria grandes ilusões.

Ilusões que levam à violência?

Sempre houve violência, o que hoje temos são mais notícias sobre a violência, e, não raro, uma exploração mediática em que há qualquer coisa de mórbido. Não acho que deva omitir-se a notícia que justifique divulgação. Vejamos como a denúncia do caso de Timor e da Bósnia levaram à mobilização do mundo contra os massacres e a impunidade. Mas nunca se deverá perder o sentido do tratamento das formas de abordagem.

Sem o papel da comunicação social, ressaltando pecadilhos possíveis, a pedofilia, por exemplo, entraria nas reflexões e preocupações do pensamento social?

Não sei se entrou nas preocupações do pensamento social. Temo que se esteja a passar ao lado e a cair no culto do sensacionalismo e da notícia-espetáculo.

Tráfico de droga está mais esquecido?

Não consigo compreender a ineficácia do combate ao tráfico de droga. É um grande mistério.

No narcotráfico não haverá um ciclo em si mesmo viciado e vicioso, a começar pelo cultivo e mesmo o apoio ao cultivo de droga?

Talvez seja preciso rever tudo.

O seu olhar sobre a justiça em Portugal é de preocupação ou de esperança?

De grande preocupação. Tenho a incómoda sensação de se estar a criar entre nós um polvo semelhante ao que abalou a Itália.

Defende uma revisão do Código Penal?

Urgentemente. Caso contrário, voltaremos a ser um país de suspeição e de escutas telefónicas descontroladas e generalizadas. Como aconselhava Antero, é preciso combater o inquisidor que há em nós. Tivemos quatro séculos de Inquisição e 50 anos de Ditadura. Já chega.

Não diferencia inquisição de investigação?

Obviamente que diferencio, desde que a investigação se faça de acordo com as regras fundamentais do estado de direito.

Pescador-amador de robalos e pescador a tempo inteiro de respostas, Deus, depois de muitas tempestades, é sim ou não?

Se soubesse responder a essa pergunta, responderia a todas as questões. Como diz o meu amigo Mário Soares, não tive a graça da revelação da fé, ou perdi-a.

O coração não lhe devolveu a fé?

Sinto que pertença a um todo; mas não sei que nome dar a isso.

Gostava de voltar a ser campeão de natação?

É das coisas de que sinto realmente nostalgia. Ainda nado bem, já não tenho, porém, a mesma idade nem o mesmo coração.

Como se relaciona com os seus filhos?

Com uma grande cumplicidade.

Um verso para este exato momento da sua vida?

Ítaca é a tua própria errância.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*